

Anais do Congresso da ANPPOM

V.31, 2021

XXXI Congresso da ANPPOM

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa
06 a 10 de dezembro 2021 (*online*)

ISSN 1983 – 5973



Orquestra Brasil Jazz Sinfônica, sua conquista e seu arquivo

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL EM SIMPÓSIO TEMÁTICO

SUBÁREA: MÚSICA POPULAR E INTERDISCIPLINARIDADE

Milene Jorge Aliverti
UFRGS/UDESC –milene.aliverti@ufrgs.br

Resumo

Este trabalho traz um pouco do histórico da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica e da montagem de seu arquivo, pensado para ser único devido às características próprias da orquestra. O texto traz em seguida uma breve abordagem a respeito das orquestras em atividade na chamada “Era de Ouro do Rádio”, que motivaram a criação da presente orquestra. O arquivo abordado está sendo revisado e reordenado pela atual gestão. Apesar de relevante para os estudos da área de Música, os arquivos de orquestra são pouco estudados pela historiografia e pela musicologia.

Palavras-chave: Era de Ouro do Rádio. Brasil Jazz Sinfônica. Arquivo de orquestra. Orquestra.

Symphonic Jazz Orchestra, its conquest and its archive

Abstract

This work brings a bit of the history of the Brasil Jazz Symphonic Orchestra and the assembly of its archive, thought to be unique due to the orchestra's own characteristics. The text then presents a brief approach to the active orchestras in the so-called “Golden Era of Radio”, which motivated the creation of this Orchestra. The studied archive is being revised and reorganized by the current administration. Despite being relevant to studies in the area of music, orchestra archives are little studied by historiography or musicology.

Keywords: Radio's golden age. Brasil Jazz Symphonic. Orchestra's Archive. Orchestra.

1. Introdução

A Orquestra Brasil Jazz Sinfônica nasceu com o nome Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo e foi idealizada por Arrigo Barnabé em 1989, na gestão de Fernando de Moraes como secretário de Cultura do estado de São Paulo. Como consta na página *Encontros Históricos da Sala São Paulo*, a orquestra tem um certo “protagonismo na criação de uma nova estética orquestral brasileira por meio de arranjos contemporâneos e únicos, criados não raras vezes com exclusividade para o grupo” (JAZZ SINFÔNICA BRASIL, 2016).

Em sua dissertação de mestrado, Renato Kutner afirma que “a orquestra já nasceu com a proposta de reduzir as distâncias entre as músicas erudita e popular, pois possuía todos os instrumentos de uma orquestra sinfônica aliados aos de uma *big band*. Seu maior objetivo era o de resgatar o passado das orquestras de rádio”, criando, deste modo, um grupo para tocar arranjos da

música popular brasileira que unissem elementos sinfônicos dos modelos eruditos ao universo das *big bands* de jazz (KUTNER, 2006, p. 10).

Este trabalho pretende apresentar um breve histórico sobre a criação da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica, destacando seu contexto de surgimento e elementos característicos. Objetiva também abordar o trabalho realizado por Cyro Pereira à frente da Orquestra, dando início ao seu arquivo. Finalmente, este texto atualiza algumas referências sobre a continuidade da Orquestra após a morte do maestro Cyro Pereira, especialmente destacando a importância da manutenção e da preservação de seu arquivo.

2. A Era de Ouro do Rádio

A formação da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica teve por objetivo mobilizar o público para apreciação da música popular elaborada nos moldes da fase áurea do rádio brasileiro até a transição para a televisão no país (NASCIMENTO, 2011, p. 89). O *glamour* das orquestras dessa época trouxe emoção aos ouvintes no território nacional, resultando de um processo de formação que remontava ao início do século. Jairo Severiano afirma que o rádio, a gravação elétrica do som e o cinema falado foram muito valiosos para a música popular. Os trabalhos artísticos feitos na época ganharam novos formatos, realizados por músicos de orquestra e diversos cantores. Junto a essas inovações, acrescenta-se também a via editorial, pela grande circulação de partituras nos folhetins e revistas. Este longo processo de renovação de práticas musicais e recursos técnicos resultou no período identificado como a “Era de Ouro do Rádio” (SEVERIANO, 2009, p. 103).

Com o aparecimento de um grande número de artistas talentosos e de compositores extraordinários, tivemos na nossa música popular um ganho qualitativo enorme. É o caso de Ary Barroso (1903-1964), Lamartine Babo (1904-1963), Noel Rosa (1910-1937), entre outros. Os músicos brasileiros, a exemplo dos nomes citados, estavam atentos às manifestações musicais dentro e fora do Brasil. Por isso, percebem o surgimento e a circulação do jazz como gênero no mercado internacional e são igualmente influenciados, a exemplo de outras culturas (SEVERIANO, 2009, p. 107).

Neste ambiente de transformação e crescimento, vemos duas figuras que passam a integrar a história do arranjo brasileiro no início da década 1930: Pixinguinha e Radamés Gnattali. “[...] consagrados como instrumentistas e compositores, entram também para a história como criadores de padrões de orquestrações para música popular brasileira” (MELO; SEVERIANO,

2002, p. 86). Tanto um quanto outro são importantes expoentes da música brasileira neste período nas principais orquestras populares brasileiras na primeira metade do século XX, especialmente pela qualidade de seus arranjadores e/ou instrumentistas atentos à renovação musical. Acabaram por criar os padrões de arranjo para a música popular brasileira.

O começo e o fim da Era de Ouro do Rádio foram marcados respectivamente por duas orquestras: a Pan Américan, de Simon Bountman (1900-1977), e a Tabajara, de Severino Araújo (1917-2012). Bountman era palestino e veio ao Brasil inicialmente com a Orquestra Kosarin. Depois, liderou a Orquestra Pan American, com quem gravou cerca de 180 discos entre 1927 e 1930. A orquestra Tabajara iniciou seus trabalhos em 1933 liderada inicialmente pelo pianista Luna Freire em João Pessoa. A partir de 1937 passou a ser comandada por Severino Araújo. Esteve em funcionamento até 2003, completando assim 70 anos de trabalho. Além das orquestras citadas, outras foram igualmente importantes, como as de Romeu Silva, Vicente Paiva, Napoleão Tavares, Odeon, Rio Artists, Paulistana, Columbia, entre outras (SEVERIANO, 2009, p. 200-201).

Lia Calabre (2003) afirma que restaram poucos registros sobre a chamada “Era de Ouro do Rádio” brasileiro. Considerando que boa parte de seus programas ocorria ao vivo, as emissoras de rádio não costumavam manter registros, com exceção dos eventos comemorativos. A Rádio Nacional apresentava-se como diferenciada neste sentido, pois gravava parte de sua programação para análise posterior (CALABRE, 2003, p. 1). Com a implantação da televisão, para onde a maior parte das verbas publicitárias foram transferidas, vemos os ouvintes do rádio aos poucos serem transformados em telespectadores, acarretando, no início dos anos 1960, o declínio da “Era de Ouro do Rádio”. (SEVERIANO, 2009, p. 326).

3. Brasil Jazz Sinfônica

A criação da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica teve como propósito evocar as práticas das orquestras populares de rádio e televisão e destacar sua importância, tradição e renovação. Tinha como meta ressuscitar e manter viva a tradição das orquestras populares de rádio e TV, no período em que as transmissões radiofônicas brasileiras ganharam alcance internacional devido às enormes estruturas artísticas que possuíam, antes de sua extinção, na década de 1960. Além do resgate da nossa história, a orquestra tinha a proposta de trazer também ao público arranjos sinfônicos inéditos, iniciando, desta forma, o nascimento de um arquivo totalmente novo.

Oficialmente, a orquestra nasceu em 3 de outubro de 1989 e teve como um de seus fundadores Cyro Pereira (1929-2011), maestro dos festivais da Record dos anos 1960, considerado um dos principais arranjadores da música popular brasileira. Ele igualmente foi responsável por atualizar arranjos e repertórios nesta Orquestra, seja compondo novas obras, seja transformando melodias populares em seus arranjos sinfônicos, atividade que desenvolveu até o final de sua vida. Por reunir este conjunto de materiais, Cyro Pereira foi responsável por iniciar seu arquivo. Desta forma, contribuiu de forma decisiva para a formação de uma equipe competente de músicos, contando posteriormente com a ajuda de outros compositores e arranjadores de excelência. Em sua longa trajetória, a Orquestra Brasil Jazz Sinfônica foi conduzida por grandes maestros, iniciando com o próprio Cyro Pereira, seguido por Amilson Godoy, o pianista e compositor Nelson Ayres, Mário Zaccaro, Edmundo Villani-Côrtes, entre muitos outros. Atualmente, a orquestra conta com a batuta de João Maurício Galindo, Tiago Costa e Ruriá Duprat (AYRES, 2021). Podemos citar vários nomes do cenário musical que já se apresentaram com esta orquestra, como Tom Jobim, Milton Nascimento, Gal Costa, Edu Lobo, João Bosco, Toquinho, Paulinho da Viola, entre outros. Em 2011, ano em que o maestro Cyro Pereira faleceu (aos 82 anos), a Orquestra foi tema do documentário intitulado *A Nave: uma viagem com a Jazz Sinfônica de São Paulo*, resultado de cinco anos de gravação (JAZZ SINFÔNICA BRASIL, 2016).

Desde sua primeira apresentação, o público demonstrou, além de deleite ao experimentar a sonoridade diferenciada, grande aceitação ao ouvir música brasileira com a roupagem sinfônica trazida pelos arranjos de Cyro Pereira. A orquestra apresentou distintas denominações desde seu nascimento: Iniciou sua trajetória como Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo (1989), teve seu nome modificado para Jazz Sinfônica Brasil (2017), quando passou a estar vinculada à Fundação Padre Anchieta da TV Cultura. E neste ano de 2021 o nome da orquestra foi modificado novamente para Brasil Jazz sinfônica, com o objetivo de possibilitar ao seu público a associação de seu nome à música popular brasileira em geral, e não somente ao jazz (PRADO, 2021).

Atualmente a Orquestra Brasil Jazz Sinfônica tem como diretor artístico o maestro Ruriá Duprat e seu diretor executivo é Fábio Borba (que pertence à TV Cultura). Também possui uma comissão formada por três maestros: Ruriá Duprat, Tiago Costa e João Maurício Galindo, sendo os dois primeiros também arranjadores. Com o intuito de atingir um público ainda maior, em 2017 foi criado o programa *Jazz Sinfônica Brasil*, que integra a grade da TV Cultura. Em

transmissões semanais, a emissora exhibe apresentações da orquestra por todo o território brasileiro, sendo algumas delas ao vivo (REBELLO, 2021).

4. Arquivo da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica

Sérgio Caldas afirma que a música pode ser considerada parte significativa da memória do século XX e herança cultural do mundo, logo, é vital a guarda dos documentos a ela relacionados (CALDAS, 2018, p. 16). Ana Souza e Denise Melo nos colocam que “O homem desde sempre teve a preocupação de registrar tudo o que produziu ao longo da história, e através da escrita ele pôde garantir que suas experiências e descobertas seriam disseminadas” (SOUSA; MELO, 2009, p. 2). Os arquivos são fundamentais para esta finalidade, pois tratam da organização e preservação de informação. Sua principal função é a de cuidar do documento e disponibilizá-lo aos interessados de maneira eficaz. Dirks (2001, p. 107) nos afirma que o arquivo é a “instituição que canoniza, cristaliza e classifica o conhecimento de que o Estado necessita, tornando-o acessível às gerações futuras sob a forma cultural de um repositório do passado neutro”.

Para as orquestras, ter um local apropriado para guarda e organização de seu material é de suma importância, pois seu desempenho está completamente relacionado à qualidade e à eficiência dos serviços oferecidos por seus arquivos, que reúnem, além de documentos, programas de concertos, fotos, instrumentos, partes e partituras. Todo este material tem muita importância para seu funcionamento e acaba por se tornar fonte documental para estudo. Paulo Castagna (2019, p. 6-7) nos coloca que “as fontes musicais são principalmente destinadas a propósitos utilitários [...], sua função primária é essencialmente a leitura para interpretação da música notada, por meio da voz e/ou de instrumentos musicais”. No caso das orquestras em geral, suas partituras e partes musicais (documentos) são utilizadas funcionalmente (para a performance musical) pelos músicos, que são os responsáveis pela execução da atividade. Todos os arranjos e composições de um acervo se mostram extremamente necessários às orquestras. Por este motivo, decidiu-se que o acesso ao acervo da Brasil Jazz Sinfônica não é livre e se dá exclusivamente por meio de requisição aos maestros ou ao coordenador de arquivo, Fábio Prado. Esta decisão é uma maneira de preservar os direitos autorais dos compositores e arranjadores (PRADO, 2021).

A montagem de um arquivo, seja ele qual for, é parte de um processo criativo de construção de memória e identidade que de alguma forma testemunha e preserva manifestações populares. Sua formação pode ser compreendida a partir dos processos de aquisição (ou entrada de

documentos), como o “ingresso de documentos em arquivo, seja por comodato, compra, custódia, dação, depósito, doação, empréstimo, legado, permuta, recolhimento, reintegração ou transferência” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 85). No caso específico desta orquestra, podemos dizer que a formação de seu arquivo se dá majoritariamente a partir dos processos de composição e arranjo feitos exclusivamente para ela. Seu arquivo teve início durante a concepção de seu primeiro concerto e ainda está em via de formação; logo, podemos dizer que é um arquivo vivo.

Atualmente a Orquestra Brasil Jazz Sinfônica tem cerca de 2.500 obras catalogadas, sendo, em sua grande maioria, composições ou arranjos feitos especialmente para ela. Em entrevista, Fábio Prado, que atualmente trabalha no arquivo da orquestra, relatou que no princípio todo o material da orquestra era manuscrito, pois não se havia a facilidade da editoração que temos hoje. Aos poucos, esse material está sendo totalmente digitalizado. O regente Cyro Pereira, por exemplo, que foi o iniciador deste processo de composição e arranjo das obras para a orquestra, durante os 21 anos que esteve à frente dela, fez cerca de 200 peças para a orquestra, todas manuscritas. Fábio nos coloca que algumas partituras estão incompletas, principalmente as que vieram do arquivo inicial, quando a orquestra ainda não dispunha de recursos para digitalizá-las (PRADO, 2021). O caráter utilitário do arquivo está implícito e tem uma função importante para o bom funcionamento da orquestra. Trazemos uma afirmação de Olívia da Cunha (2004, p. 295) que corrobora com esta afirmação: “as fontes arquivísticas são concebidas como construções prontas para serem utilizadas e interpretadas por leitores especializados. Sua organização, diferenciação e hierarquia interna são matéria de observação”.

O fato de a orquestra não possuir um teatro próprio acabou dificultando muito a manutenção do seu primeiro arquivo de partituras, que ficava inicialmente em caixas de papelão, de maneira precária, acarretando o desaparecimento de algumas delas, principalmente as que foram feitas nos anos 1990. Com a redução de pessoal desde o ano 2000, a orquestra enfrentou dificuldades para guarda e armazenamento dos seus arquivos. Atualmente existe um projeto, elaborado pelo próprio Fábio Prado, com a finalidade de organizar todas as partituras do arquivo da orquestra (PRADO, 2021).

O atual arquivista da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica é Filipi Lira, que nos disse em entrevista que atualmente a Orquestra possui um arquivo físico composto principalmente por partituras impressas, seus originais manuscritos e versões digitalizadas de cada arranjo. A

digitalização desse material está sendo feita pelo próprio Lira, mas existe uma discussão atual com a direção da Fundação Padre Anchieta para unir forças e pessoal do departamento de arquivo da Fundação (CDOC) para acelerar esse processo. As obras produzidas ou compradas para serem executadas pela orquestra recebem uma numeração, chamada de “tombo”, e logo depois são armazenadas por ordem cronológica. Lira ainda nos relata que, ao longo dos anos, o arquivo físico já sofreu baixas decorrentes de descuido e uso incorreto das partituras, principalmente devido à mudança de pessoal e gestão do arquivo por profissionais não habilitados para o manejo de arquivo e não acostumados com o ambiente profissional de uma orquestra. Atualmente, seus principais esforços como arquivista são para a recuperação da ordem do material e para a adequação do arquivo de partituras a um padrão profissional de catalogação e armazenamento.

Jean Bastardis afirma que os acervos documentais podem ser constituídos por elementos diversos, tais como papéis manuscritos ou impressos, fotografias, encadernações de diferentes tipos e formatos, gravações magnéticas e até mesmo objetos de origens diversas (BASTARDIS, 2012, p. 29). Corroborando com esta ideia, Josefa Montero García nos coloca que também podemos considerar instrumentos musicais como fonte documental, pois eles não só refletem a atmosfera da época ou a forma de se posicionar diante do público, como também se destinam à execução, pelos músicos, para emissão dos sons constitutivos da obra (MONTERO GARCIA, 2008, p. 94-97). Em vista disto, podemos afirmar que a Orquestra Brasil Jazz Sinfônica possui um arquivo diversificado, que inclui não apenas partituras, mas também instrumentos, programas de concertos, fotografias, material audiovisual etc.

O seu arquivo organológico é formado por diversos instrumentos, desde pianos até instrumentos de percussão. Porém, como nos conta Fábio Prado, existem questões pendentes relativas a eles. Um levantamento apropriado está sendo feito para conhecer os instrumentos (PRADO, 2021). Filipi Lira (2021) nos coloca que a orquestra também possui e preserva um arquivo com os programas dos concertos e apresentações da orquestra (em formato digital e físico). Segundo Montero Garcia, documentos como estes são importantes para a orquestra, pois “refletem a importância da mídia de cada concerto e o tipo de música executada; os programas, com suas notas correspondentes, podem explicar as características dessa música, às vezes perdida, e completar a percepção do mesmo no momento da sua interpretação” (MONTERO GARCIA, 2008, p. 99). A Orquestra também possui um arquivo fotográfico em processo de catalogação e organização, antes gerido por áreas administrativas.

Segundo o *Dicionário de Terminologia Arquivística* do Arquivo Nacional, o documento audiovisual diz respeito a um “Gênero documental integrado por documentos que contêm imagens, fixas ou em movimento, e registros sonoros, como filmes e fitas videomagnéticas” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 73). As pesquisadoras Sousa e Melo (2009, p. 3) explicam que o aparecimento de novos suportes, como os eletrônicos (fitas magnéticas, disquetes, CDs, microfilmes e outros), nos trouxeram características revolucionárias para a informação, além de algumas vantagens, como a permissão de um maior armazenamento de dados. As pesquisadoras ressaltam ainda que esses suportes são tecnicamente frágeis, causando problemas relacionados à organização e conservação desses materiais e exigindo um aperfeiçoamento por parte dos profissionais arquivistas para lidar com o armazenamento da informação.

Atualmente a orquestra tem sob a sua tutela um rico arquivo e um grupo técnico capacitado para o desenvolvimento de suas atividades, o que lhe permite assumir papel de destaque no cenário cultural brasileiro. Todo este acervo se encontra na Fundação Padre Anchieta, em São Paulo, na sala que recebe o nome da orquestra, Brasil Jazz Sinfônica, desde 2017. A TV Cultura possui boa parte do material audiovisual, com imagens e reportagens desde o início da formação da orquestra, nos anos 1990. Possui também todos os programas *Jazz Sinfônica Convida*, que eram apresentados pelo maestro Nelson Ayres, além de diversas apresentações da orquestra. Filipi Lira (2021) acrescenta que a orquestra possui um canal no YouTube, também gerido pela Fundação Padre Anchieta, que está movendo seu material para uma plataforma própria.

5. Considerações finais

O estudo sobre a história da Orquestra Brasil Jazz Sinfônica e a constituição de seu arquivo se encontram atrelados a um processo de preservação, memória e testemunho de um processo criativo. Este registro se torna importante para preservar algumas expressões musicais que são relevantes para a sociedade na qual está inserida a referida orquestra. Interessante a afirmação de Bourdieu (2008, p. 16), que considerar uma folha repleta de alguns traços gráficos produzidos por alguém do passado como documento, algo que comporta informações sobre um tempo que não mais existe, exige uma enorme capacidade de abstração, um intenso poder de visualização de informações, afinal, uma crença. Desta maneira, entendemos a importância de refletirmos sobre as diretrizes e metodologias aplicadas na composição e manutenção dos arquivos musicais.

Entender que a música é um patrimônio cultural auxilia na criação de políticas e ações para valorizar diversas expressões culturais do Brasil. Este reconhecimento foi feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Café e Barros (2016, p. 108) corroboram esta ideia: “nem todo objeto informacional tem uma estrutura baseada em códigos verbais”; daí a importância da catalogação e organização dos diversos materiais utilizados pelas orquestras. Os valores utilitários atribuídos às partituras e aos instrumentos do acervo da Brasil Jazz Sinfônica mostraram o objetivo de incorporação para o uso em performance, com a finalidade de possibilitar a apresentação musical, atividade-fim da Orquestra. Isso evidencia a característica de permanência do valor primário em fontes musicais, já que uma partitura sempre pode permitir sua leitura, execução ou interpretação (CASTAGNA; MEYER, 2017, p. 324).

Podemos dizer que o legado iniciado por Cyro Pereira ainda se faz presente entre os orquestradores da Jazz Sinfônica, posto que eles se dedicam à criação de novos arranjos inspirados no mestre. Em geral, há uma média de 80 a 100 partituras novas compostas para a orquestra por ano, o que traz como resultado um rico arquivo vivo.

Um fato relevante que mostra a influência do trabalho feito pela Brasil Jazz Sinfônica foi a criação da Orquestra Jovem Tom Jobim, que segue seus moldes. Esta orquestra se dedica especialmente à música popular brasileira, porém, ao contrário de sua progenitora, se renova a cada ano por meio de concurso e é constituída apenas por estudantes de música. Popularmente chamada de “Jazzinha”, está vinculada à EMESP (Escola de Música do Estado de São Paulo), e por isso tem seu arquivo muito bem-organizado (AYRES, 2021).

Segundo Ochoa e Menezes (2021, p. 5), “no âmbito cultural brasileiro, percebemos um desmonte de políticas culturais em relação a equipamentos e incentivos à arte. As orquestras, inclusive a Brasil Jazz Sinfônica, também enfrentaram, ou enfrentam, obstáculos para sua manutenção”. Por isso, pesquisas que mostrem a importância e a riqueza de seu trabalho são sempre fundamentais e necessárias para sua valorização e preservação.

Referências

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. p. 323. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.



AYRES, Nelson. Entrevista concedida à Milene Jorge Aliverti em São Paulo, 28 abr. 2021. 1 vídeo (45 min). Não publicada.

BASTARDIS, Jean. *O Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica e seu significado para a preservação de arquivos no IPHAN*. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural) – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha*. Vida e obra. Rio de Janeiro: Lumiar, 1997.

CAFÉ, Maria L. A.; BARROS, Camila M. de. Panorama da Produção Nacional e Internacional sobre informação musical. *Informação e Sociedade*, João Pessoa, v. 26, n. 2, p. 107-119, maio/ago. 2016.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio: memória e história. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 22., 2003, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa, 2003.

CALDAS, Sérgio E. S. de. *Organização e recuperação da informação musical: o incipit como elemento de representação*. 2018. 80 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CASTAGNA, Paulo. *Entre arquivos e coleções: desafios de estudos de conjuntos documentais museográficos a partir de suas características intrínsecas*. *Interfaces*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 29, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/30826>. Acesso em: 29 maio 2021.

CASTAGNA, Paulo; MEYER, Adriano de Castro. Fatores determinantes das mudanças de fase no ciclo vital de fontes musicais. In: ANDRADE, Ana Célia Navarro de (org.). *Arquivos, entre tradição e modernidade: trabalhos apresentados nas sessões de comunicações livres e os eventos paralelos do XI Congresso de Arquivologia do Mercosul*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2017. v. 2, p. 321-334. Disponível em: http://arqsp.org.br/wpcontent/uploads/2017/09/XI-CAM-VOL.-2_e-book.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

CASTRO, José de Almeida. História do rádio no Brasil. *ABERT*, Notícias, [s. d.]. Disponível em: https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil_dia_02/04/1969. Acesso em: 15 abr. 2021.

COTTA, André Henrique Guerra *et al.* Resolução nº 4, de 28 de março de 1996. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil: Conselho Nacional de Arquivos, Brasília, DF, Seção 1, p. 1-29, suplemento ao nº 62, 1996.

CUNHA, Olivia maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *MANA*, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.



DIRKS, Nicholas. The imperial archive: colonial knowledge and colonial rules. In: DIRKS, Nicholas (org.). *Castes of mind: colonialism and the making of modern India*. Princeton: Princeton University Press, 2001. p. 107-124.

EMESP TOM JOBIM. *Orquestra Jovem Tom Jobim*. Escola de Música do Estado de São Paulo – instituição do Governo do Estado de São Paulo e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado, gerida pela organização social Santa Marcelina Cultura. São Paulo: EMESP, [s. d.]. Disponível em: <https://emesp.org.br/difusao-artistica/orquestra-jovem-tom-jobim-1/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

GARCÍA, Josefa Montero. La documentación musical: fuentes para su estudio. In: GONZÁLEZ, Pedro José Gómez; OLIVERA, Luis Hernández; GARCÍA, Josefa Montero; BAZ, Raúl Vicente. *El archivo de los sonidos: la gestión de fondos musicales*. Salamanca: Asociación de Archiveros de Castilla y León, 2008. p. 91-122. (Colección Estudios Profesionales, n. 2).

JAZZ SINFÔNICA BRASIL. *Encontros Históricos na Sala São Paulo*. São Paulo: Sala São Paulo, 2016. v. 1. Disponível em: <http://www.salasaopaulo.art.br/encontros-historicos/artistas/jazz-sinfonica-brasil/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

LIRA, Filipi. Entrevista a Milene Aliverti em São Paulo, 30 abr. 2021. 3p. Não publicada.

MELO, Zuza Homem de; SEVERIANO, Jairo. *A canção no tempo: 85 anos de músicas brasileiras*. São Paulo: Editora 34, 2002. v. 2.

NAPOLITANO, Marcos. *História & música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 120.

NASCIMENTO, Hermilson Garcia do *et al. Recriaturas de Cyro Pereira: arranjo e interpoética na música popular*. Tese (Doutorado) – UNICAMP, Campinas, 2011.

PRADO, Fábio. Entrevista concedida à Milene Aliverti em São Paulo, 26 abr. 2021. 1 vídeo (63 min). Não publicada.

REBELLO, Ana Isabel Ferreira. Entrevista concedida à Milene Aliverti em São Paulo, 2 maio 2021. 1p. Não publicada.

SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; MELO, Denise Gomes Pereira de. Diagnóstico do Arquivo da Orquestra Sinfônica da Paraíba – OSPB. *Biblionline*, João Pessoa, v. 5, n. 1/2, 2009.